



13º Seminário ESCXEL

Literacia, Conhecimento e Competências: As Aprendizagens entre as Práticas e as Metas

Outubro 2013





ÍNDICE

3 | INTRODUÇÃO

8 | RESUMO E CONCLUSÕES

26 | AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

33 | ANEXOS

INTRODUÇÃO

Releva-se a elevada colaboração prestada pelos diversos docentes que dinamizaram as apresentações nas sessões temáticas, que desempenharam as funções de moderadores e de relatores, bem como aos restantes que tomaram apontamentos dos vários momentos deste seminário, em particular à docente Maria Alice Almeida do Nascimento, mediadora do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, em Castelo Branco, cuja colaboração foi inestimável para a elaboração deste relatório.

Releva-se, igualmente, a orientação do Professor Doutor David Justino em todo o processo conducente à realização deste seminário, assim como a colaboração prestada pelo Professor Doutor Rui Santos e a restante equipa do CESNOVA.

A habitual reunião de trabalho do projeto ESCXEL teve lugar na sexta-feira, 25 de outubro, na Sala de Sessões da Câmara Municipal da Batalha, dado que o formato do 13.º Seminário preconizava um sábado como o dia forte para a realização dos trabalhos, uma vez que os seus principais destinatários eram os docentes do 1.º CEB.

Deu-se início à reunião de trabalho, onde estiveram presentes o Sr. Diretor Geral dos Estabelecimentos Escolares, Dr. José Alberto Moreira Duarte, e a Sr.ª Delegada Regional de Educação do Centro, Dr.ª Cristina Oliveira, com um breve discurso de boas-vindas do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha, o Dr. Paulo Batista Santos, o qual enalteceu todo o trabalho que está a ser feito em prol da melhoria da qualidade do ensino e dos resultados obtidos em termos de sucesso educativo.

Em seguida, o Professor Doutor David Justino, Professor associado com agregação do Departamento de Sociologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa, Investigador do CESNOVA e Coordenador do ESCXEL, fez o ponto de situação relativamente aos aspetos organizacionais da rede de escolas ESCXEL, nomeadamente, a adesão à Rede do concelho de Mação, estando a adesão de Vila de Rei em processo de conclusão, com o concelho da Amadora em perspetiva de aderir. O Professor David Justino informou os presentes que reuniu com o Diretor do Centro de Formação Rede de Cooperação e Aprendizagem Centro de Competência Entre Mar e Serra, CFRCACCEMS, António Carvalho Rodrigues, para formalizar o investimento na plataforma digital da Rede ESCXEL para a difusão das boas práticas pedagógicas e organizacionais. A criação desta plataforma digital, nesta segunda fase do projeto, pretende integrar as três plataformas atualmente existentes, que cumprem objetivos diferenciados (gestão de eventos, aplicação de questionários e site), ampliando as suas valências pela construção de novos produtos (nomeadamente a gestão de notícias da rede para uma melhor disseminação de práticas, um banco de artigos científicos e uma gestão por utilizador, entre outros).

Em seguida, o Professor Doutor Rui Santos, Professor associado do Departamento de Sociologia da FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Investigador do CESNOVA, fez uma apresentação dos indicadores socioeconómicos, ao nível das unidades orgânicas dos vários concelhos da Rede, ao nível da previsão dos resultados escolares, os quais têm por suporte variáveis que mostram correlações significativas, e que levam a modelos estatísticos com melhor predição dos resultados observados por comparação com as tendências nacionais.

Os indicadores socioeconómicos foram aplicados aos resultados escolares concelhios (médias 2008-2012 dos resultados dos exames do 9º ano e do Ensino Secundário e médias de 2012 dos resultados dos exames dos três últimos ciclos de ensino, por concelho).

A definição dos contextos socioeconómicos passa por variáveis de resumo obtidas a partir de indicadores sociodemográficos, atividade económica, estratificação socioeconómica, níveis de escolarização e desvantagem socioeconómica, variáveis de caracterização da população escolar de cada concelho, como a % de mães com habilitação de nível de Ensino Superior, a % de alunos subsidiados (ASE) ou ainda outras variáveis concelhias relevantes, como a % de população estrangeira (possível com os dados do último censo).

Foi aplicada uma regressão linear múltipla dos resultados médios de exames nos concelhos (médias 2008-2012) sobre as variáveis socioeconómicas e obtidos os gráficos que colocam todos os concelhos de Portugal Continental relativamente a um valor esperado. Em particular, foram produzidos gráficos com resultados observados-esperados, para o 9º ano e para o Ensino Secundário, com base na média 2008-2012, para os vários concelhos da Rede: Batalha, Castelo Branco, Constância, Loulé, Mação, Oeiras e Vila de Rei. Da observação destes gráficos decorreu que, ao nível dos exames do 9º ano, os concelhos da Batalha e Castelo Branco apresentam valores acima do que seria esperado, tendo em vista as características da sua população escolar e meio onde está integrada, apresentando os outros concelhos valores abaixo do esperado, com especial atenção a ser dada a Constância (com o valor mais negativo). No respeitante ao Ensino Secundário, também os concelhos da Batalha e Castelo Branco apresentam valores acima do esperado, tal como Vila de Rei, sendo, todavia, os resultados do concelho da Batalha muito superiores ao que seria de esperar. O concelho de Mação é aquele que apresenta aqui o valor mais negativo.

Foi, igualmente, efetuada uma regressão linear múltipla dos resultados médios dos exames nos concelhos (2012) sobre as variáveis socioeconómicas e produzidos os respetivos gráficos para os concelhos de Portugal Continental, ao nível dos exames do 6º ano, 9º ano e Ensino Secundário, relativamente ao seu valor esperado. No que concerniu aos resultados observados-estimados para os concelhos da Rede, constatou-se que apenas os concelhos da Batalha e Castelo Branco apresentam resultados acima do esperado para todos os exames em causa. Os concelhos de Constância e Mação apresentam valores abaixo

do esperado para os exames do 6º e 9º ano, e 6º, 9º e Ensino Secundário, respetivamente. O concelho de Loulé apresenta valores acima do esperado para os exames do 6º e 9º ano, mas abaixo do esperado para os exames do Ensino Secundário. No concelho de Oeiras os resultados foram o inverso; valores abaixo do esperado para os exames do 6º e 9º ano e acima do esperado para os exames do Ensino Secundário. Quanto ao concelho de Vila de Rei, apresenta um valor abaixo do esperado no que respeita aos exames do 6º ano e acima do esperado no que concerne aos exames do 9º ano e do Ensino Secundário.

A mesma metodologia está a ser aplicada para o apuramento dos resultados observados-estimados relativos aos vários agrupamentos/escolas não agrupadas.

O 13º Seminário ESCXEL, intitulado **LITERACIA, CONHECIMENTO E COMPETÊNCIAS: AS APRENDIZAGENS ENTRE AS PRÁTICAS E AS METAS**, decorreu nos dias 25 e 26 de outubro de 2013, sendo o dia 26, o dia da realização dos trabalhos envolvendo todos os participantes, um sábado.

A organização deste seminário recairia sobre o coordenador concelhio da Batalha, através da análise da ordem dos anteriores seminários. A temática deste seminário incidiria no insucesso do 1º CEB, ao nível dos resultados escolares, da articulação vertical e horizontal nos agrupamentos e no desenvolvimento de competências na área da literacia, leitura e escrita, do Português, e nas dificuldades sentidas na transição dos alunos para o 2º CEB, tal como ficou delineado na reunião de coordenação do Projeto ESCXEL do dia 31 de maio de 2013. A calendarização proposta para os trabalhos pressupunha o regresso da habitual reunião de trabalho na noite anterior ao dia do seminário propriamente dito, envolvendo os representantes da Autarquia, coordenadores concelhios, mediadores de agrupamento, membros da equipa do CESNOVA e diretores de agrupamentos/escolas não agrupadas, bem como um jantar-convívio antes desta. O dia do seminário em causa seria preenchido com duas conferências plenárias, com períodos de debate de ideias, no período da manhã, ao que se seguiria o habitual almoço-convívio, e no período da tarde com três workshops para trabalhar aspetos relacionados com o tema do seminário e a apresentação de conclusões. Os coordenadores ficaram de trocar impressões entre si no sentido de apresentar um título elucidativo das temáticas a trabalhar neste seminário. O título foi posteriormente acordado, bem como a identificação dos workshops (sessões temáticas) do seminário, a saber, **Temática A:** Práticas Pedagógicas, aprendizagens e metas no ensino básico; **Temática B:** A articulação das aprendizagens entre ciclos: que soluções?; **Temática C:** Novas e velhas tecnologias na qualificação das aprendizagens.

Toda a preparação deste seminário foi feita em total articulação com a Câmara Municipal da Batalha, que deu um apoio inestimável a este evento, com a Direção do Agrupamento de Escolas da Batalha e com o Centro de Competência Entre Mar e Serra. A Câmara Municipal cedeu os espaços para a realização do seminário, teve a seu cargo o serviço de *coffee break* e pagou o almoço aos participantes. A Direção do Agrupamento prestou todo o apoio relativo à divulgação do evento junto dos professores, da comunidade, na página web e *facebook* do Agrupamento, bem como relativo à preparação das pastas a entregar aos participantes. O Centro de Competência Entre Mar e Serra prestou todo o apoio relativo à preparação dos cartazes do seminário, certificados dos participantes, divulgação do

seminário na plataforma eventos.escxel.org, e respetiva inscrição dos participantes, assim como na execução do formulário de avaliação do mesmo.

A reunião de trabalho realizou-se na Sala de Sessões da Câmara Municipal da Batalha, a sessão de abertura, as conferências plenárias, a apresentação das conclusões das sessões temáticas e o encerramento dos trabalhos decorreram no Auditório da Câmara Municipal. As sessões temáticas tiveram lugar na Ludoteca Municipal (Temática A), na Sala de Sessões (Temática B) e no Auditório (Temática C).

O formato deste seminário foi pensado de modo a potenciar a participação dos professores do 1º CEB, dado que seriam o público-alvo preferencial, participação que seria invalidada caso o seminário decorresse a uma sexta-feira, uma vez que estes professores não teriam professores substitutos nas suas salas de aula. A utilização de um sábado, pela primeira vez, para a realização de um seminário teve, então, essa preocupação, correndo o risco de existir uma fraca participação por ser fim de semana. Porém, foi uma aposta ganha, uma vez que houve uma grande adesão a este seminário, com uma grande participação de professores do 1º CEB, como era pretendido.

As sessões temáticas pensadas tiveram como dinamizadores, na Temática A, a professora Margarida Jordão, docente do 1º CEB, adjunta da Direção do Agrupamento de Escolas da Batalha, que fez formação nas metas do Português, que procurou partilhar os seus conhecimentos com os participantes, na Temática B, o Prof. Dr. David Justino, uma vez que esta é uma área onde ele já tinha identificado com clareza as dificuldades associadas, e, na Temática C, as professoras Miguela Fernandes, Fernanda Alvega e Antónia Carreira, a primeira docente do 3º CEB e ensino secundário, as duas últimas docentes do 1º CEB, porque o projeto por elas desenvolvido nos últimos dois anos foi bastante interessante, inovador, articulando alunos de ciclos de ensino diferentes e potenciador de sucesso para os alunos nas várias áreas do saber. Nesta sessão, o professor Carlos Matos, mediador do Agrupamento Nuno Álvares, de Castelo Branco, fez uma apresentação de um projeto por ele dinamizado, e articulado com colegas de outras áreas disciplinares, que envolveu igualmente alunos do 1º CEB e 3º CEB. Ambos os projetos apresentados envolveram a utilização de novas e velhas tecnologias ao serviço da aprendizagem.

A escolha das reladoras das sessões temáticas, professoras do Agrupamento de Escolas da Batalha, prendeu-se com a preocupação de não só serem pessoas capazes de sintetizar as principais ideias transmitidas e debatidas, e apresentar uma súmula antes do encerramento dos trabalhos, mas também de serem próximas e isso facilitar a execução deste relatório.

Os conferencistas escolhidos para este seminário foram o Professor Doutor **José Carlos Junça de Moraes**, Professor emérito da Universidade Livre de Bruxelas, e a Professora Doutora **Luísa Paula Sousa Lobo Borges de Araújo**, da Universidade de Lisboa.

O primeiro é Doutor em Ciências Psicológicas pela Universidade Livre de Bruxelas, Professor do UNESCOG (*Unité de recherche en Neurosciences Cognitives*) da Universidade Livre de Bruxelas, Doutor *honoris causa* da Universidade

de Lisboa (2000), onde chegou a ser professor e conferencista. Durante 12 anos foi membro do Observatório Nacional da Leitura, em França, que tinha como objetivo analisar a literatura científica sobre a aprendizagem da leitura e elaborar relatórios para o Ministério da Educação francês, entre os quais se destaca o relatório que influenciou os programas do ensino primário de 2001/2002. Em 2008 foi convidado pelo PNL para coordenar um estudo sobre os níveis de referência de desenvolvimento da leitura e da escrita, cujas conclusões são relevantes para o sistema de ensino português.

A segunda é Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Delaware. Especializou-se na área da Literacia/Bilinguismo e no ensino de línguas estrangeiras. Lecionou em instituições de Ensino Superior nos Estados Unidos e em Portugal, nomeadamente no Instituto Superior de Educação e Ciências, e tem vários trabalhos publicados em publicações nacionais e internacionais. É investigadora no *Joint Research Center* da União Europeia, em Itália, e, neste âmbito, tem prestado apoio científico na aplicação de testes em línguas estrangeiras a alunos do ensino secundário, em diversos países europeus. É *Project Leader* para o estudo da ligação entre currículos e a aquisição no domínio da literacia no Programa para o Estudo da Literacia na Leitura.

RESUMO E CONCLUSÕES

- Exposição das principais ideias apresentadas no seminário, por mesa ou por orador de acordo com o formato de seminário utilizado (pelo que é necessário identificar relatores, em cada seminário, para esta tarefa).

1ª CONFERÊNCIA PLENÁRIA

Conhecimento e Competências: As Aprendizagens entre as Metas e as Práticas

Professor Doutor José Carlos Junça de Moraes

O Professor Doutor José Moraes começou por apresentar uma lista de bibliografia recomendada sobre o assunto, a saber:

DEHANE, Stanislas, *Les Neurones de la Lecture*, Editora Odile Jacob, 2007

MORAIS, José, *Alfabetizar em Democracia*, Fundação Francisco Manuel dos Santos

MORAIS, José, *Criar Leitores*, Livraria Psicologia, 2012

SCLIAR-CABRAL, Leonor, *Sistema SCLiar de Alfabetização, Fundamentos*, Editora Lili, 2013

ARAÚJO E OLIVEIRA, João Batista, *Profissão Professor: O que funciona em sala de aula*, Instituto Alfa e Beto, 2010

Em seguida apresentou fundamentos científicos, conceitos relativos à aprendizagem da leitura e uma reflexão sobre métodos de ensino, i.e., aprender a ler causa profundas mudanças mentais. O processo de alfabetização faz com que regiões cerebrais destinadas a outras funções, como a fala e a visão, sejam recicladas, como apontam os estudos realizados numa pesquisa internacional. A aprendizagem da leitura implica profundas alterações que originam uma reorganização do cérebro, devido à ativação de determinadas áreas que, antes dessa aprendizagem, não eram usadas.

A linguagem é uma aquisição biológica, todavia a escrita é invenção cultural. Não existe uma “idade certa” para aprender a ler, ou seja, não há “idade certa” para alfabetizar. Contudo, é benéfico que haja uma preparação para a leitura antes dos 6 anos.

O Professor Doutor José Moraes apresentou, do seu ponto de vista, as vantagens do método fónico relativamente ao método global.

O **método fónico** é um método de alfabetização que primeiro ensina os sons de cada letra e a partir daí a mistura desses sons em conjunto para alcançar a pronúncia completa da palavra.

A introdução inicial dos fonemas, sons das letras, geralmente dá-se por meio de pequenas histórias que visam a identificação da relação grafema/fonema, letra/som, para que a criança possa começar a combinar os sons antes de dominar todo o alfabeto. Depois de já terem aprendidos alguns fonemas, as crianças são incentivadas a construírem palavras com essas letras. Devem-se relembrar as relações som/letra já aprendidas para a formação de novas palavras, o que vai permitir o aumento da capacidade de leitura das crianças. O passo seguinte, quando as crianças já conseguem pronunciar algumas palavras confortavelmente, é a construção frásica. As crianças podem ser alfabetizadas num período de quatro a seis meses, quando passam a ler textos cada vez mais complexos e variados.

Os dois objetivos principais são o de ensinar as correspondências grafofonémicas e desenvolver as habilidades metafonológicas, ou seja, ensinar as correspondências entre as letras e os seus sons, e o de estimular o desenvolvimento da consciência fonológica, que se refere à habilidade de manipular e refletir sobre os sons da fala.

Este método baseia-se na constatação experimental de que as crianças com dificuldades na alfabetização têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente, os sons da fala. Esta dificuldade, porém, pode ser diminuída significativamente com a introdução de atividades explícitas e sistemáticas de consciência fonológica, durante ou mesmo antes da alfabetização. Quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica têm efeito ainda maior sobre a aquisição de leitura e escrita. Além de ser um procedimento bastante eficaz para a alfabetização de crianças disléxicas, o método fónico também se tem mostrado o mais adequado ao ensino regular de crianças sem distúrbios de leitura e escrita.

Assim, abordagens fónicas usualmente propõem o ensino explícito e sistemático, com grau crescente de dificuldade, das habilidades de decodificação grafofonémica e de codificação fonografémica, paralelamente ao trabalho para desenvolvimento da consciência fonológica.

O **método global** pressupõe que a aprendizagem da linguagem escrita se dê pela identificação visual da palavra. Este método pressupõe que é mais simples ensinar a palavra como um todo ao aluno, sem focalizar unidades menores, sendo, portanto, ensinadas diretamente as associações entre as palavras e seus significados, ou seja, que a informação contida na unidade total de significado é maior do que a soma das informações contidas separadamente nos elementos menores. As correspondências entre as letras e os sons seriam adquiridas naturalmente pelas crianças, após o reconhecimento total da palavra estar bem estabelecido.

O tipo de instrução característica do método global não enfatiza o ensino explícito e sistemático dos princípios da língua escrita, tal como faz o método fónico, de modo que nem todas as crianças conseguem apreender tais princípios. Essa dificuldade é ainda maior no caso de crianças que apresentam risco de atraso de leitura e escrita.

Além do facto de o Professor Doutor José Morais ter defendido veementemente a superioridade do método fónico na alfabetização em contexto regular, é significativo notar que diversas associações de dislexia em todo o mundo recomendam instruções fónicas para o ensino de indivíduos com dislexia, nomeadamente em países de língua inglesa. Isto é de salientar, uma vez que a língua inglesa é bastante opaca, i.e., possui uma ortografia que tem relações grafofonémicas bastante irregulares, com correspondências imprevisíveis entre letras e sons. Assim, se o método fónico é bem sucedido para a língua inglesa, decerto ele é ainda muito mais eficaz para a língua portuguesa, dado que as relações que existem entre as letras e os sons são bem mais regulares, o que favorece a aplicação de regras de conversão grafofonémicas.

Aprender a ler transforma realidades, insere o indivíduo na sociedade, muda a forma como ele se relaciona com o ambiente. O Professor Doutor José Morais, salientou que os cientistas têm constatado que as áreas cerebrais ativadas pelas letras não se restringem à região relacionada à linguagem codificada, mas envolve diversas outras, como os setores da fala e da visão. Como a escrita é uma atividade recente, comparando-se à idade do homem, o cérebro não tem uma região inata relacionada à leitura. O cérebro recicla estruturas antigas para atender às novas exigências culturais. Vários estudos envolvendo indivíduos alfabetizados na infância, analfabetos e alfabetizados na idade adulta

com diferentes níveis de escolarização, foram submetidos a ressonâncias magnéticas funcionais, enquanto tinham os seus cérebros mapeados. Durante este tipo de exame, que permite visualizar a ativação da atividade cerebral, os participantes recebiam estímulos diversos, como frases e palavras escritas e faladas, imagens de objetos e rostos, e caracteres sem significado semântico, para que os cientistas pudessem observar a resposta do cérebro.

Aprender a ler transforma violentamente as redes neuronais da visão e da linguagem. Quando os indivíduos alfabetizados são expostos às frases escritas, ocorre um aumento da ativação cerebral na área das palavras, o que não se verifica entre os analfabetos, onde tal ativação não é constatada. Verifica-se, igualmente, que quanto maior o nível de escolaridade, maior a atividade dos neurónios. Os efeitos da leitura no córtex cerebral são visíveis tanto nos indivíduos alfabetizados na infância como naqueles que o foram em idade adulta. Então, aqueles que passaram anos da sua vida sem oportunidade de aprender a ler, quando chegam à escola, têm as suas redes cerebrais acionadas exatamente da mesma forma que aqueles que foram alfabetizados na infância. O que vai diferenciar a intensidade dessa ativação é o nível de escolarização, ou seja, quem estudou mais exibe maior ativação. Porém, isso depende menos do facto de a pessoa ter aprendido a ler na infância. Estes resultados demonstram o impacto maciço da educação sobre o cérebro humano.

O Professor Doutor José Morais referiu que o córtex visual reorganiza-se por meio da competição entre a atividade nova de leitura e as atividades mais antigas de reconhecimento de faces e de objetos. Durante a alfabetização, a resposta às faces diminui levemente à medida que a competência de leitura aumenta na área visual do hemisfério esquerdo, utilizada para reconhecer faces e objetos nos analfabetos.

Debate: Principais questões levantadas

As questões mais levantadas pelos participantes prenderam-se sobre qual dos dois métodos é o mais adequado para a aprendizagem da leitura, se o método fónico ou o método global, quais as vantagens da utilização de diversos métodos, em função das características dos alunos e das dificuldades apresentadas, como é o caso dos alunos com necessidades educativas especiais.

O Professor Doutor José Morais foi perentório; defende a utilização do método fónico na aprendizagem de leitura, que considera o mais adequado, salientando que é fundamental que a criança aprenda desde logo a relação entre fonema e grafema. Embora aceite a utilização de outros métodos, não reconhece validade pedagógica ao método global. A mesma posição acabou por ser igualmente defendida por alguns diretores de agrupamentos presentes.

2ª CONFERÊNCIA PLENÁRIA

Literacia de leitura: o que nos diz o estudo internacional PIRLS sobre Portugal

Professora Doutora Luísa Paula Sousa Lobo Borges de Araújo

O *Progress in International Reading Literacy Study* (PIRLS) é um estudo internacional de sucesso na leitura por parte dos alunos do 4º ano de escolaridade. É conduzido pela *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA) e está desenhado para medir o grau de realização por parte das crianças em termos de literacia da leitura, providenciar um ponto de partida para estudos futuros de tendências nesse domínio e para recolher informação acerca das experiências domésticas e escolares dos alunos na aprendizagem da leitura.

Nos anteriores ciclos de aplicação PIRLS (2001 e 2006), Portugal não participou. Neste terceiro ciclo de aplicação (2011) Portugal participou, tendo os resultados sido divulgados em dezembro de 2012.

A apresentação dos resultados do PIRLS baseou-se num estudo realizado pela Professora Doutora Luísa Araújo e pela Professora Doutora Patrícia D. Costa.

Para a realização do estudo, os alunos responderam a questões sobre dois tipos de texto: texto informativo e texto literário. Foi analisado o desempenho dos alunos à luz dos principais processos de compreensão da leitura – **Reter e fazer inferências diretas e Interpretar e integrar e avaliar.**

Foi feita um estudo dos currícula escolares dos países participantes e o estudo teve em conta diferentes fatores que pudessem influenciar os resultados e procedeu-se a uma análise do peso dos mesmos. Para o efeito, foram aplicados diversos questionários, dos quais se destacaram questionários sobre o currículo escolar, as atividades desenvolvidas em família (leitura para os filhos, feita em casa), as atitudes e os hábitos de leitura e as práticas pedagógicas.

Os questionários aplicados incidiram sobre três vetores:

- ESCOLA E FAMÍLIA – ocupação dos pais, composição da escola, clima na escola e relação entre professores e pais;
- CLASSE – composição da classe, género do professor (homem/mulher) e práticas de literacia;
- ALUNO – estatuto social, características dos alunos e dos pais.

A Professora Doutora Luísa Araújo fez a apresentação dos resultados e o posicionamento de Portugal em relação aos outros países. Assim, em 1991/92 foi realizado o primeiro estudo sobre leitura, no qual Portugal se situou um pouco abaixo da média internacional. Os resultados PIRLS são apresentados numa escala de 0-1000 com um ponto médio de referência de 500 e um desvio padrão de 100, isto para cada um dos anos de escolaridade avaliados. A pontuação máxima, no estudo de 2011, em que Portugal participou, foi de 571 pontos (Hong Kong) e a pontuação mínima de 310 pontos (Marrocos). Os países que têm melhor desempenho são Hong Kong, Federação Russa, Finlândia e Singapura. Portugal obteve 541 pontos nesta escala o que o coloca entre os 19 países com melhor desempenho em leitura para o 4.º ano, em igualdade pontual com a Itália, a Alemanha e Israel. Portugal não participou nas edições intermédias deste estudo em 2001 e 2006.

A Professora Doutora Luísa Araújo destacou o facto de que os intervalos percentuais do número de alunos com melhor desempenho na leitura, ou com pior desempenho, são sensivelmente idênticos aos observados em países com maior pontuação, como o caso da Dinamarca (554).

O relatório, de Dezembro de 2012, do ProjAVI (Avaliação Internacional de Alunos) está disponível em <http://www.portugal.gov.pt/media/793498/PIRLS%202011%20Read%204.pdf>.

Nas respostas aos questionários, os aspetos destacados foram que “a maioria dos pais refere que lê para os filhos”, “a maioria dos alunos afirma que “gosta mais ou menos” de ler”, “a maioria das famílias responde que possui alguns recursos em casa (número de livros)” e “a maioria dos inquiridos diz que os filhos conheciam moderadamente as letras do alfabeto antes de entrarem no 1.º ciclo”.

A família, os recursos, as práticas e os conhecimentos prévios dos alunos têm uma grande influência no desempenho dos alunos. Salientou-se o facto de os resultados serem inferiores nas situações em que as salas de aula tinham poucos recursos.

Destacaram-se, especificamente, os seguintes fatores que mais influenciaram os resultados:

- Leitura feita pelos pais, antes da entrada no 1.º ciclo (quando ela existe, as crianças têm melhores resultados);
- Existência de recursos em casa (número de livros);
- Conhecimento do alfabeto antes da entrada no 1.º ciclo;
- Gosto pela leitura;
- Existência de recursos na sala de aula;
- Género do professor (os alunos de professoras têm melhores resultados);
- Os alunos com estatuto de imigrante têm, em geral, melhor desempenho.

Num nível escolar mais baixo, o efeito escola é quase nulo (Ex: aspetos organizacionais da instituição escolar), o que não se aplicará certamente a outros níveis de ensino.

As variantes que menos influenciaram os resultados são as seguintes:

- Clima escolar;
- Envolvimento dos pais na escola;
- Média do nível ocupacional (tem a ver com as profissões desempenhadas pelos pais);
- Localização geográfica da escola (meio urbano / meio rural).

Debate: Principais questões levantadas

Uma das questões levantadas pelos participantes situou-se na importância do pré-escolar na preparação dos alunos para a leitura (atividades de leitura) e na articulação que deveria existir com o 1.º CEB, nomeadamente com o 1.º ano.

Outra das questões levantadas prendeu-se com o facto de que, comparando os resultados de diferentes estudos (Ex: PIRLS e PISA), se verifica que os alunos baixam os resultados num nível mais avançado, parecendo que perdem

qualidades e capacidades depois do 1.º CEB, que perdem mesmo competências, pelo que seria fundamental estudar o que leva a essa regressão e se ela é real ou aparente. Será pertinente realizar todo um trabalho de uniformização de vocabulário, de terminologias, de modo a que os alunos, ao mudarem de ciclo, não sintam que tudo o que estão a aprender é novo, para que a mudança não seja tão fraturante. Outro aspeto que mereceu relevo, na discussão que se travou, foi o do papel da monodocência no 1.º CEB, que talvez venha a ser abandonada no futuro.

Estes resultados realmente rivalizam com os resultados obtidos no estudo PISA (para alunos mais velhos), na medida em que são melhores. Espera-se que quando estes alunos tiverem idade suficiente para realizar os testes do PISA venham a obter resultados melhores, ou seja, espera-se que a melhoria de desempenho observada ao nível dos alunos do 4.º ano seja projetada para ciclos de ensino mais avançados.

Também se abordou, entre os participantes, a questão de como é que o género do professor influencia os resultados da aprendizagem, não tendo havido uma resposta cabal.

SESSÃO TEMÁTICA A

Práticas Pedagógicas, aprendizagens e metas no ensino básico

Dinamizadora: Dr.ª Margarida Jordão (Agrupamento de Escolas da Batalha)

Moderador: Dr. Luís Romão (Coordenador ESCXEL de Loulé)

Relatora: Dr.ª Maria de Fátima Ribeiro (Agrupamento de Escolas da Batalha)

Esta sessão decorreu na Ludoteca – Biblioteca Municipal, tendo participado cerca de 31 pessoas.

Após a abordagem da problemática do ensino da leitura e da escrita pelos conferencistas no período da manhã, este grupo de trabalho centrou-se na análise (embora breve) das metas curriculares de Português para o Ensino Básico, implementadas a partir do corrente ano letivo nalguns anos de escolaridade e, progressivamente, nos restantes, nos próximos anos, estendendo-se, posteriormente, ao ensino secundário.

As metas são congregadoras ou segregadoras? Concluiu-se que na sua implementação há aspetos positivos e negativos.

No que diz respeito aos positivos, considerou-se que elas clarificam e uniformizam os conteúdos a trabalhar em cada ano e são um bom apoio à organização e planificação do trabalho. Delas consta também a Educação Literária que é um aspeto a valorizar. Assim, elas clarificam as aprendizagens essenciais, constituem-se como um apoio à planificação pelos docentes e são promotoras da inclusão da educação literária.

Quanto aos aspetos negativos, surgiram dúvidas quanto à sua exequibilidade em alunos com dificuldades de aprendizagem ou com necessidades educativas especiais; parece haver, também, dificuldades em avaliar alguns dos descritores, como, por exemplo, a velocidade da leitura, principalmente em turmas com mais do que um ano de escolaridade; grande parte das obras literárias recomendadas para cada ano de escolaridade, de leitura obrigatória, não está disponível nas livrarias nem nas bibliotecas; há dúvidas, também, sobre que instrumentos de avaliação serão adequados para aferir, por exemplo, a apropriação de novos vocábulos no domínio da oralidade (mínimo de 150 no 1º ano, 200 no 2º,...). É que há dificuldade em medir certas metas! Que instrumentos de avaliação deverão ser utilizados para elas? Sobre esta questão dos instrumentos de avaliação, foi salientada a necessidade de encontrar uma forma de

normalizar os mesmos, dado que as metas preconizam a normalização de procedimentos e de tratamento de conteúdos. Esta questão põe-se, sobretudo no 1.º Ciclo de escolaridade, onde o facto de as pessoas trabalharem em diversas e distantes escolas de um agrupamento as limita no trabalho em conjunto. Todavia, dado que uma vez que as metas são normalizadoras, tal implica um reforço do trabalho colaborativo nas escolas. Foi referida uma proposta de trabalho colaborativo (ações de formação) em preparação no Centro de Formação da Batalha sobre esta temática, nomeadamente, oficinas de formação no âmbito da avaliação das aprendizagens no 1.º CEB, avaliação externa e sistematização de dados e regulação. Relativamente à primeira, os objetivos centram-se na renovação das competências no âmbito da construção aplicação e análise de resultados de questões similares aos exames do 4.º ano (Português e Matemática). Como aspeto transversal propõe-se uma reflexão sobre os exames e a melhor forma de articular as estratégias de avaliação interna e a preparação dos alunos para os mesmos. Quanto à segunda, o tema transversal é o efeito regulador da avaliação e a consensualização de regras, critérios e ponderações no contexto dos Agrupamentos de Escolas, contudo mais centrado em questões específicas de cada nível de ensino e englobando o Estudo do Meio.

SESSÃO TEMÁTICA B

A articulação das aprendizagens entre ciclos: que soluções?

Dinamizador: Prof. Doutor José David Justino (Coordenador do Projeto ESCXEL)

Moderadora: Dr.ª Maria Clara Moreira (Coordenadora ESCXEL de Castelo Branco)

Relatora: Dr.ª Maria da Graça Poças (Agrupamento de Escolas da Batalha)

Esta sessão decorreu na Sala de Sessões da Câmara Municipal, tendo participado cerca de 41 pessoas.

O Prof. Doutor David Justino começou por colocar a seguinte questão prévia: Os resultados dos exames nacionais e os estudos internacionais, nomeadamente o PIRLS e o PISA, permitem observar que os resultados dos ciclos mais avançados (2.º e 3.º ciclos) são piores do que os do 4.º ano. Aparentemente, os alunos perdem conhecimentos e competências. Que fatores explicarão essa realidade e o que deverá ser feito para a alterar?

Estão subjacentes algumas questões:

- Os alunos do 4.º ano não estão suficientemente preparados para os ciclos seguintes?
- A fragmentação do ensino em diversos ciclos é prejudicial?
- Os currículos estão desajustados?
- As abordagens / estratégias pedagógicas não são adequadas?
- A monodocência é um fator negativo?

O Prof. Doutor José David Justino salientou que, na procura de soluções, é fundamental que os professores de todos os ciclos conversem uns com os outros e não trabalhem isoladamente.

Defendeu igualmente as vantagens da monodocência partilhada, o que permitiria, por exemplo, que a disciplina de Matemática pudesse ser lecionada por um professor de 1.º ciclo mais vocacionada para essa área, o mesmo podendo aplicar-se à área de Português, como a legislação já prevê. Porém, em turmas onde são lecionados dois ou mais anos isto torna-se difícil de operacionalizar.

Foram apresentadas várias maneiras de resolver/minimizar o problema de os alunos ao mudarem de ciclo piorarem os resultados.

Para isso é necessário compreender o que se passa e em primeiro lugar entender como é que os professores do 1.º ciclo e do 2.º ciclo entendem o problema.

Foram apontados alguns problemas, nomeadamente:

Muitos dos alunos que enfrentam problemas na mudança de ciclo, são alunos que entraram para o 1.º ciclo sem maturidade, em que a avaliação das educadoras não é tida em conta quando os alunos são matriculados no 1.º ano.

A mudança de ciclo implica mudanças de ambiente escolar e mudanças de formas de ensino, passa-se da monodocência para a organização disciplinar. No 1.º ciclo, é habitual existirem vários níveis na turma, o que permite que alunos do mesmo ano realizem tarefas diferentes, consoante as suas necessidades e dificuldades. Essa prática perde-se a partir do 2.º ciclo. Existe, também, uma gestão muito diferente do horário do aluno. No 1.º ciclo, se necessário, é possível os alunos trabalharem uma manhã inteira numa disciplina. A partir do 2.º ciclo, os alunos têm, no máximo, 90 minutos de aula, tendo depois de passar a outra disciplina, o que não permite pôr em prática estratégias de recuperação mais eficazes.

A falta de conhecimento dos programas e terminologia usada nos vários ciclos por parte dos professores. Geralmente, os professores do 1.º ciclo têm um grande desconhecimento dos programas do 5.º ano e vice-versa. Os professores do 2.º ciclo desconhecem o modo como o professor do 1.º ciclo trabalha com os alunos. É fundamental que os docentes tenham pleno conhecimento dos conteúdos que irão ser lecionados no 2.º ciclo. Há, igualmente, uma diversidade de procedimentos entre ciclos, tanto ao nível de aspetos organizacionais como pedagógicos, o que cria dificuldades aos alunos na transição de ciclo. As escolas/agrupamentos devem, tanto quanto possível, proceder à uniformização desses procedimentos.

Foram apontadas algumas soluções, a saber:

A organização em Agrupamento, pode atenuar alguns destes problemas pois pode por os professores do 1.º e do 2.º ciclo em contacto mais direto, para isso seria necessário realizar reuniões de articulação para: tomada de conhecimento dos vários programas; determinar a terminologia e nomenclatura a adotar; realização dos testes diagnósticos. Considerou-se que a articulação entre ciclos, embora difícil, é possível e fundamental. Professores e diretores de diversas escolas e agrupamentos partilharam diversas práticas, das quais se destacam as seguintes:

- Ao nível dos **DOCUMENTOS E COMUNICAÇÃO ENTRE CICLOS**, destacou-se a necessidade de ao receber alunos no 1.º ciclo, a escola dar uma grande relevância ao relatório do pré-escolar, o qual deveria ser analisado cuidadosamente. Assim, deve ser tida em consideração a avaliação feita pelas educadoras do pré-escolar no sentido de não serem matriculados alunos que não apresentem os pré requisitos necessários à entrada no 1.º ciclo.

- Ser elaborado um **PLANO DE ARTICULAÇÃO CURRICULAR**, entre ciclos, elaborado por área disciplinar.

- Ao nível das **REUNIÕES ENTRE PROFESSORES**, dado que, são frequentes as reuniões de professores de diferentes ciclos. Os professores partilham com os colegas o que é importante que os alunos saibam no fim de cada ciclo. Estas reuniões permitem ainda a partilha de experiências, problemas e soluções. São imprescindíveis as reuniões de articulação entre o 4.º e o 5.º ano.

- Ao nível da **ATRIBUIÇÃO DE SERVIÇO LETIVO**, para que, sempre que possível, as disciplinas de Expressão Motora e Expressão Plástica sejam lecionadas por professores da área. Alguns professores do 2.º ciclo dão apoio no 1.º ciclo, o que é relevante. Os professores lecionam apenas uma disciplina, em alguns agrupamentos. A monodocência coadjuvada ou partilhada foi sublinhada por outros docentes.

Existe permeabilidade na atribuição de serviço letivo: professores do 3.º ciclo também lecionam a alunos do 2.º ciclo e são coadjuvantes no 1.º ciclo. Essa prática permite aos professores conhecerem melhor o modo de trabalhar no 1.º ciclo, as características dos alunos, a linguagem mais adequada, entre outros aspetos.

- Configura-se como mais relevante a **ORGANIZAÇÃO POR DISCIPLINA E NÃO POR DEPARTAMENTO**. A dinâmica de departamento foi substituída pela dinâmica de disciplina. Num dos casos apresentados, a escola tem nove departamentos – um por disciplina. Os professores de cada disciplina reúnem juntos, independentemente do ciclo a que pertencem.

- Ao nível da **CONSTITUIÇÃO DE TURMAS**. Na constituição de turmas, participa sempre um professor do 1.º ciclo. Na constituição de turmas de 7.º e 10.º ano estão igualmente presentes professores do 6.º e do 9.º ano. Deste modo a escola segue uma estratégia de sequencialidade das turmas ao longo de todos os ciclos.

- Quanto à **UNIFORMIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS E DE DOCUMENTOS REGULADORES**, os professores dos 1.º e 2.º ciclos definem uma nomenclatura comum para os testes de avaliação e preparam os testes diagnósticos em conjunto. Os professores dos diferentes ciclos adotam procedimentos comuns, a saber, uso do dossiê com disciplinas separadas, utilização de uma terminologia o mais próxima possível da que os alunos irão encontrar nos testes de avaliação, no 2.º ciclo, estruturação semelhante dos testes em todos os ciclos e critérios de avaliação e de correção de testes comuns. Foi também sublinhada a realização de testes, no 1.º ciclo, com a mesma estrutura e critérios de correção das provas finais.

- No que concerne ao **CONTACTO COM A ESCOLA-SEDE**, os alunos do 4.º ano estão muito familiarizados com a escola-sede, pelo facto de participarem em numerosas atividades que aí se realizam. Alunos de 9.º ano realizam atividades destinadas a alunos do 1.º ciclo.

À semelhança dos outros ciclos, no 1.º ciclo, todos os alunos devem ter um horário definido que estabeleça os dias e as horas em que têm as diferentes disciplinas. Assim, o cumprimento de horários para as várias áreas, constitui uma forma de os alunos se irem habituando a cumprir horários, o que é imprescindível no 2.º ciclo.

Foram ainda destacados outros aspetos considerados fundamentais para a melhoria dos resultados, como a importância da implementação do Plano Nacional de Leitura e da participação regular de todos os alunos nas atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, o fomento do interesse pela ciência, a implementação de experiências de par pedagógico (Ex: um conteúdo comum nas disciplinas de Ciências Naturais e Físico-Química ser apenas lecionado por um dos professores), ou a importância da avaliação de diagnóstico.

SESSÃO TEMÁTICA C

Novas e velhas tecnologias na qualificação das aprendizagens

Dinamizadoras: Dr.ª Miguela Fernandes, Dr.ª Antónia Carreira e Dr.ª Fernanda Alvega (Agrupamento de Escolas da Batalha)

Moderadora: Dr.ª Adelaide Abreu (Coordenadora ESCXEL de Oeiras)

Relatora: Dr.ª Fernanda Guerra (Agrupamento de Escolas da Batalha)

Esta sessão decorreu Auditório da Câmara Municipal, tendo participado cerca de 28 pessoas.

As docentes Miguela Fernandes, Fernanda Alvega e Antónia Carreira, do Agrupamento de Escolas da Batalha, bem como o docente Carlos Matos, do Agrupamento Nuno Álvares, de Castelo Branco, fizeram a apresentação dos seus projetos, ambos ligados à temática da utilização das novas tecnologias como forma de melhoramento da prática pedagógica. Foram salientados, em ambos os projetos, aspetos como o fortalecimento das relações dentro da comunidade educativa, o reforço da articulação entre ciclos e disciplinas, a valorização do trabalho corporativo e de equipa e, ainda, a valorização dos saberes dos alunos em diferentes áreas do conhecimento, provenientes de ciclos diferentes.

Relativamente ao primeiro projeto, apresentado pelas professoras Miguela Fernandes (3.º CEB e Secundário), Fernanda Alvega e Antónia Carreira (1.º CEB), “Aprender e Inovar com as TIC”, o mesmo surgiu fruto de uma parceria entre o primeiro ciclo e o terceiro ciclo. Os elementos do primeiro funcionavam, no espaço de aula, como alunos, os do terceiro, alunos do Curso de Educação e Formação, Operador de Informática, assumiam o papel de dinamizadores / monitores das atividades desenvolvidas, com recurso aos computadores “Magalhães”.

Antes do início da apresentação os participantes ouviram alguns testemunhos de alunos que participaram no projeto, tendo estes referido em que medida é que o mesmo e as atividades inerentes teriam funcionado como elemento facilitador da aprendizagem e da promoção de um ambiente de aprendizagem mais descontraído. Segundo o depoimento dos alunos e respetivas professoras, esta parceria revelou-se extremamente produtiva, já que ambas as partes beneficiaram, para além das aprendizagens realizadas, dos recursos criados e disponibilizados mediante publicação *online*, da partilha de experiências e saberes, os próprios alunos do terceiro ciclo sentiram-se muito gratificados, pois este projeto veio valorizar os seus conhecimentos e a sua prestação enquanto elementos da comunidade educativa, adquirindo esta vertente do projeto suma importância se atendermos à falta de autoestima deste tipo de alunos bem como à ausência de iniciativa e motivação.

A prática apresentada pretendeu ser um pequeno extrato do trabalho de articulação vertical que foi desenvolvido nos três últimos anos entre duas turmas do 1.º ciclo e duas turmas CEF.

O seu objetivo principal pretendeu um desenvolvimento de competências TIC nos alunos do 1.º ciclo mas também uma forte motivação para a consolidação de aprendizagens escolares de ambos os ciclos. Para as turmas do 3.º ciclo acentuou-se a responsabilização como uma mais-valia no ensino e aprendizagem dos alunos do 1.º ciclo.

A apresentação desta prática não só motivou ambos os ciclos, como criou ao longo do tempo rotinas de partilha e de aprendizagem. Esta prática tornou-se relevante para o tema do seminário em questão porque permitiu que o processo de articulação de aprendizagens (TIC e Curriculares), se processasse de modo natural e enriquecedor,

aumentando as competências curriculares e tecnológicas nos alunos do 1.º ciclo e desenvolvendo capacidades cívicas, de responsabilização e curriculares, ao nível da transmissão de conhecimentos, nos alunos do 3.º ciclo.

Esta intervenção teve como suporte básico o computador “Magalhães”, colocando a exploração das potencialidades deste computador ao serviço das aprendizagens dos alunos de dois ciclos distintos. A disponibilidade informal dos professores foi fundamental na busca de atividades enriquecedoras para os alunos, motivando-os ou despertando-os para a aprendizagem através do desenvolvimento de competências tecnológicas com recurso a esse computador. Foi igualmente importante e consequência desta atividade, a aproximação de alunos de diferentes ciclos, dentro do mesmo espaço “Escola Básica e Secundária da Batalha”.

A aprendizagem era realizada em contexto de sala de aula do 1.º ciclo, realizando-se uma aprendizagem transversal, rentabilizando sempre que possível os recursos para sistematização de conteúdos curriculares.

Algumas das atividades desenvolvidas no 1º ano do projeto passaram pela realização de Apresentações ([Plantas, Rochas \(com voz\)](#) ou [Plantas – Forma como crescem](#)) ; Utilização do Processador de Texto na realização de trabalhos (Dia da mãe, Problemas de matemática ou [Livro de receitas digital](#)) ; Realização de trabalhos com recurso ao Paint ([Segurança da Internet](#), Dia da Mãe) ; Pesquisas na Internet ; Utilização da Folha de cálculo para a elaboração de Tabelas, Gráficos e Pictogramas ; Podcasts ([Segurança da internet](#) e [Gravação para o dia da mãe](#)). Neste primeiro ano do projeto os alunos do CEF ensinavam os alunos a utilizar as ferramentas TIC e procediam à publicação dos trabalhos que iam sendo realizados. Organizaram a informação desta forma:

- Tiraram fotografias aos trabalhos, normalizaram e publicaram na web;
- Prepararam os [podcasts](#);
- Construíram o site oficial do projeto;
- Produziram recursos para o 1º ciclo ([clima](#), [ângulos](#), cadeia alimentar, [jogo da matemática](#), [5 sentidos](#), [classificação do animais](#));
- Produziram os vídeos e atualizaram o canal do [youtube](#);
- Atualizaram e mantiveram o [canal de apresentações](#).

No segundo ano os alunos procederam à criação de alguns canais para publicação dos trabalhos, nomeadamente:

- <http://www.youtube.com/user/aebatalhacursos/>
- <http://www.authorstream.com/aebcursos/>
- <https://skydrive.live.com/#cid=6C9B6768FAF4B124&id=6C9B6768FAF4B124!202>
- <http://leandrosilvaeb.wix.com/aprender-e-inovar> (criado por um aluno do CEF)

Apresentam-se algumas imagens elucidativas de algumas fases de todo o trabalho realizado.

Nome	Data modif
 Desenhos	25-10-2013
 Movimakers	25-10-2013
 natal	25-10-2013
 pasta tic	25-10-2013
 power points	25-10-2013
 Words	25-10-2013

Figura 1 – Gestão de pastas e ficheiros



Figura 2 – Apoio à realização de atividades



Figura 3 – Trabalho em grupo

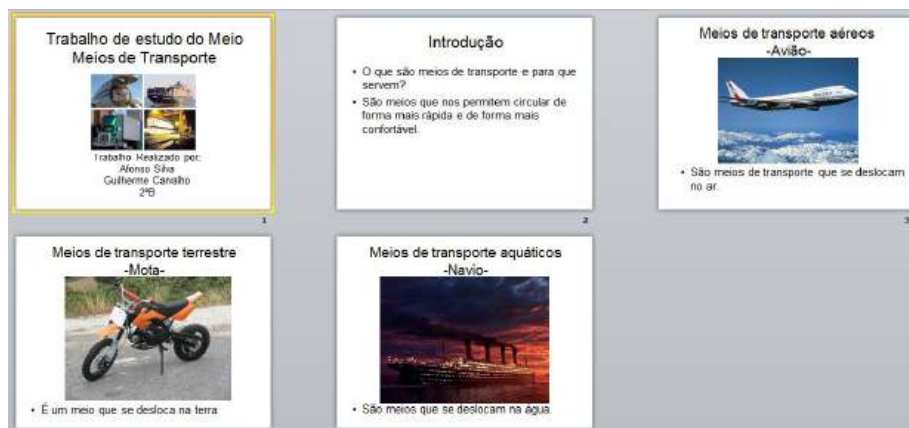


Figura 4 – Elaboração de trabalhos (Os meios de transporte)



Figura 5 – Elaboração de trabalhos (Os rios e serras de Portugal)



Figura 6 – Elaboração de trabalhos (Aspectos da costa continental)

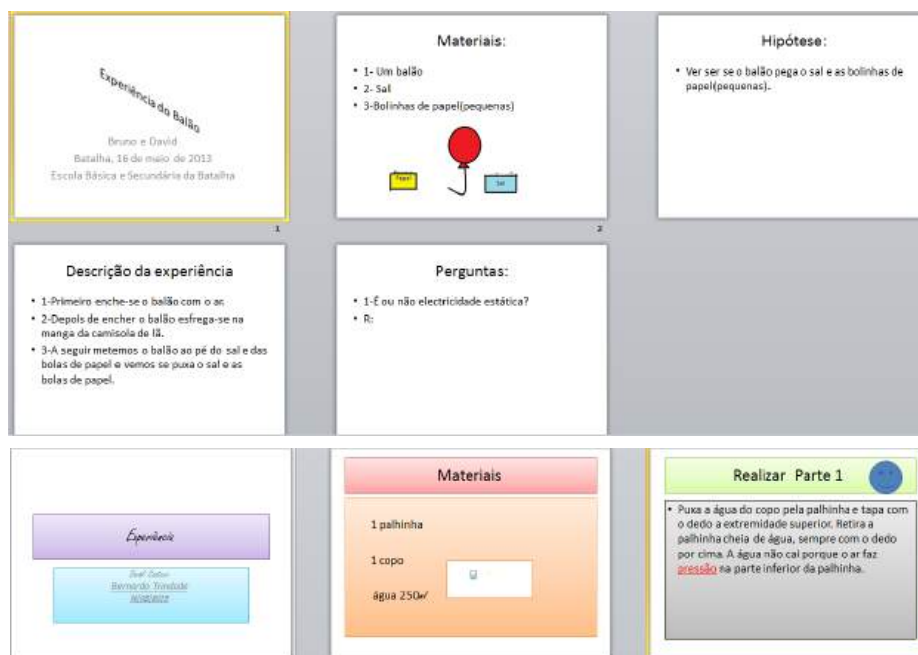


Figura 7 – Apresentações sobre atividades experimentais realizadas pelos alunos do 1º ciclo

Uma aventura no Mosteiro da Batalha

Modalidade: Texto criativo

João dos Remédios Pereira

4.ªA – Escola Básica e Secundária da Batalha

|

Naquele dia, as gémeas acordaram mais cedo por causa dos pais, então perguntaram:

- Porque é que acordámos tão cedo hoje? – disseram as gémeas em coro.
- Porque hoje vamos a um sítio especial. – disseram os pais.
- Qual é? – perguntaram as gémeas.
- É surpresa, já vão ver. – disseram os pais.
- E para vocês não apanharem seca, vão levar alguns amigos. – disseram os pais.
- Fixe! – disseram as gémeas em coro.

As gémeas levantaram-se logo e foram-se vestir à pressa. Quando acabaram foram para o carro e então partiram.

Figura 8 – Produção de texto

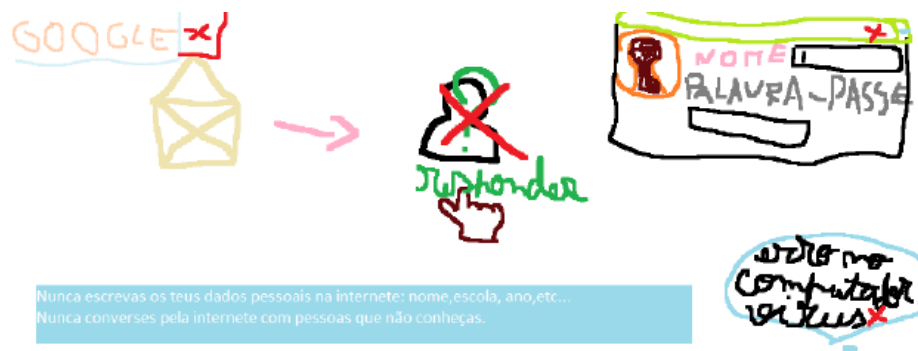


Figura 9 – Dia da Internet Segura



Figura 10 – Dia da Europa



Figura 11 – Participação no concurso “Artistas Digitais”

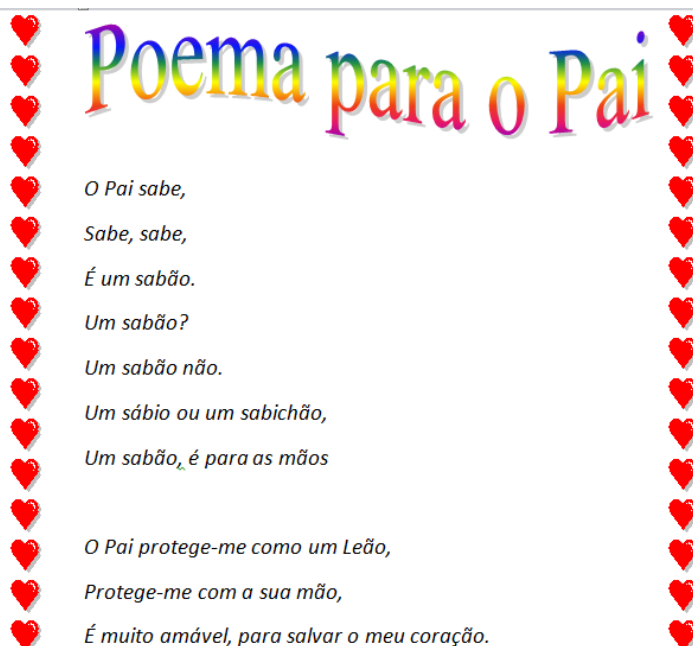


Figura 12 – Dia do Pai

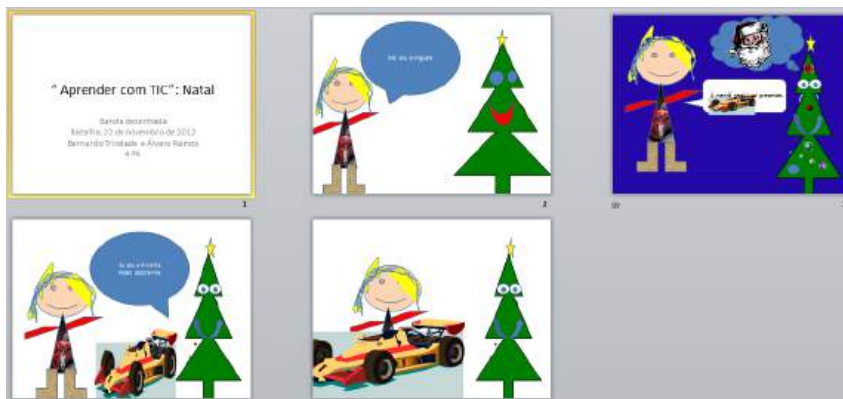


Figura 13 – Postais de Natal

O Problema do Dia

- O João trouxe para a escola uma caixa enorme cheia de cartas de Pokémon, com 16.000 cartas, então o João queria repartir as cartas por 50 caixas igualmente.
- Quantas cartas ficaram em cada caixa?

○ R:

Figura 14 – Problemas matemáticos

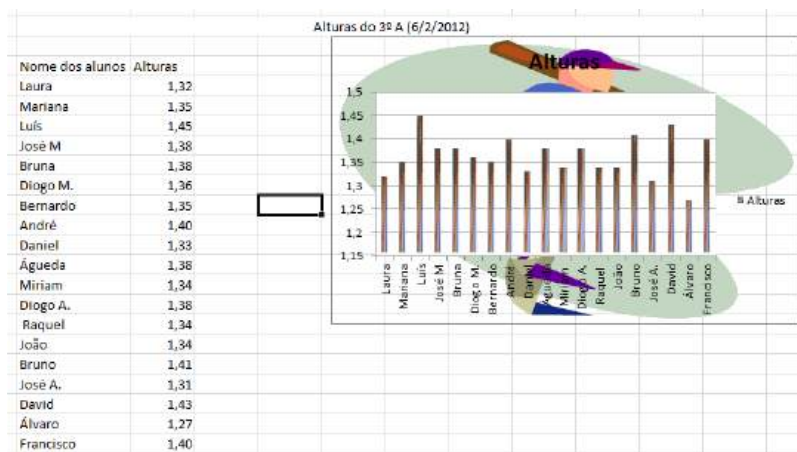


Figura 15 – Elaboração de gráficos

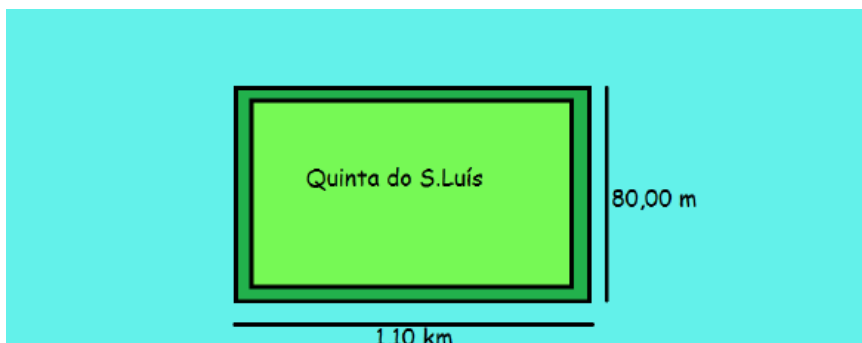


Figura 16 – Cálculo de áreas e perímetros

As atividades realizadas foram objeto de avaliação por parte dos alunos e professores envolvidos, tendo essa avaliação sido muito positiva.

No segundo projeto, apresentado pelo professor Carlos Matos, foi demonstrada, igualmente, a importância das TIC como veículo mobilizador e aglutinador de saberes, mas, também, a forma como várias disciplinas podem e devem interligar-se. Neste caso específico, o projeto era resultado da parceria entre as disciplinas de Língua Portuguesa, Inglês, Educação Visual e Fotografia, do primeiro e terceiro ciclos.

Foi constituído um grupo transdisciplinar integrando um professor de Educação Visual, de Língua Portuguesa e de Inglês, sendo os destinatários deste projeto todos os alunos do quarto ano das Escolas do Agrupamento de Escolas Faria de Vasconcelos (*Faria de Vasconcelos; Senhora da Piedade; Cansado; Horta de Alva; Monforte da Beira e Malpica do Tejo*) e alunos de uma turma de sétimo e de oitavo ano de escolaridade do mesmo agrupamento.

Os alunos e professores do Agrupamento de Castelo Branco propuseram-se construir um filme de animação baseado no livro *"Cozinha de Livros"* de Margarida Botelho, integrado no Plano Nacional de Leitura, com recurso a uma máquina fotográfica, microfone, cenários e bonecos feitos pelas diferentes escolas do agrupamento. Pretendia-se com este projeto, para além da consciencialização dos alunos no que se refere aos processos inerentes à produção de um filme animado (compreender o papel do cinema de animação no âmbito dos media e audiovisuais e conhecer o processo de produção e realização do filme animado), sensibilizar os mesmos para a leitura, promover o gosto pelas línguas (foi feita uma locução e redação do texto em Inglês), desenvolver capacidades de organização ao nível do discurso, informação e métodos de trabalho, desenvolver a capacidade criativa e crítica, bem como fortalecer os laços afetivos entre alunos e professores, criando entre eles uma dinâmica de equipa.

As crianças de hoje encontram-se completamente imersas em produtos mediáticos e, em particular, a animação, seja na televisão, cinema, jogos de computador ou consolas. Mas poucas crianças pensam na forma como uma animação é feita e mesmo estas apenas o fazem quando lhes é dada a oportunidade de elas mesmas a realizarem. Animar significa dar vida, ação ou movimento. Qualquer que seja a técnica utilizada, a animação envolve sempre uma

construção das imagens (chamadas fotogramas) uma a uma. Quando são projetadas ou mostradas numa sequência rápida, estas imagens criam uma ilusão de movimento.

A compreensão do processo de realização de um filme animado leva a uma série de conceitos transversais. Assim, ao nível da Matemática, foram trabalhados os conceitos de multiplicação, divisão e frações, pois ajudam a entender que 12 ou 24 *frames* são combinados para dar origem a um segundo de filme. Ao nível das Artes Visuais, a compreensão de conceitos como composição, cor, estrutura, entre outros. Ao nível do Português, foi trabalhada a capacidade de criação de uma história estruturada. Ao nível das Ciências entraram as noções de perceção, visão, projeção, translação, velocidade e gravidade.

Neste painel salientou-se a importância da utilização das TIC dentro da sala de aula num quadro social em que as solicitações exteriores são imensas e convidativas, em que o espaço de aula surge, por vezes, como desadequado e desinteressante, transformar a aula num espaço e momento de aprendizagem, em que o aluno aprende porque faz, e faz com recurso a uma máquina com a qual tem uma relação tão próxima, surge como um imperativo. Estes projetos são, ainda, uma forma de valorizarmos os recursos existentes nas escolas, quer humanos como materiais, atitude que faz todo o sentido num cenário de contração económica como o que vivemos hoje.

AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

Os gráficos a seguir apresentados refletem os resultados das respostas ao questionário disponibilizado *online* para recolher a opinião dos participantes relativamente aos diversos aspetos da organização e funcionamento do seminário.

As atividades deste seminário tiveram início pelas 16h00 do dia 25 de outubro, com uma visita guiada ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, orientada pelo Diretor do Mosteiro, o professor Joaquim Ruivo, para a qual estavam inscritos 27 participantes. Dos respondentes a este questionário de avaliação, 17 participaram nesta visita, tendo a grande maioria feito uma avaliação muito positiva da mesma, a saber, 16 avaliaram como Muito Bom os espaços visitados, bem como a disponibilidade do Diretor, 15 avaliaram como Muito Bom a simpatia do mesmo, 13 avaliaram como Muito Bom a clareza das explicações e 10 avaliaram como Muito Bom a duração da visita. Globalmente, relativamente ao interesse da visita, esta mereceu uma avaliação de Muito Bom por 14 dos participantes, tendo os restantes 3 feito uma avaliação de Bom.

Como se depreende do gráfico da figura 17, a maioria dos respondentes ao inquérito supracitado é do sexo feminino, refletindo de alguma maneira a prevalência de participantes deste sexo neste seminário.

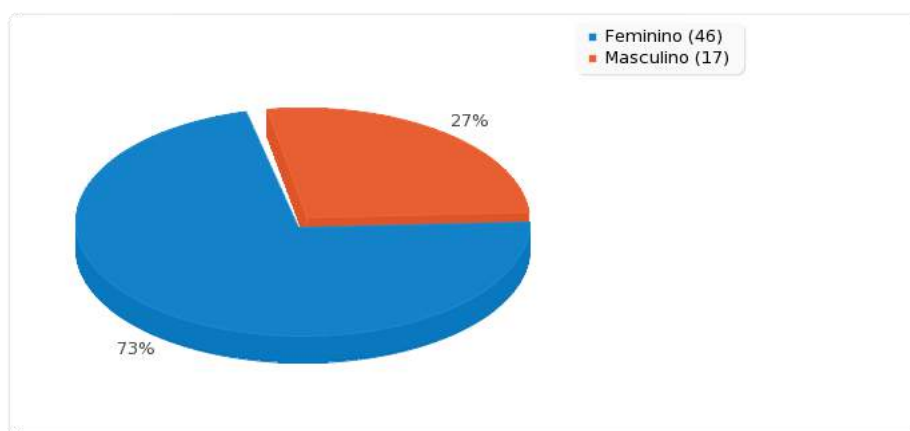


Figura 17

O gráfico da figura 18 demonstra o papel dos participantes dentro da Rede.

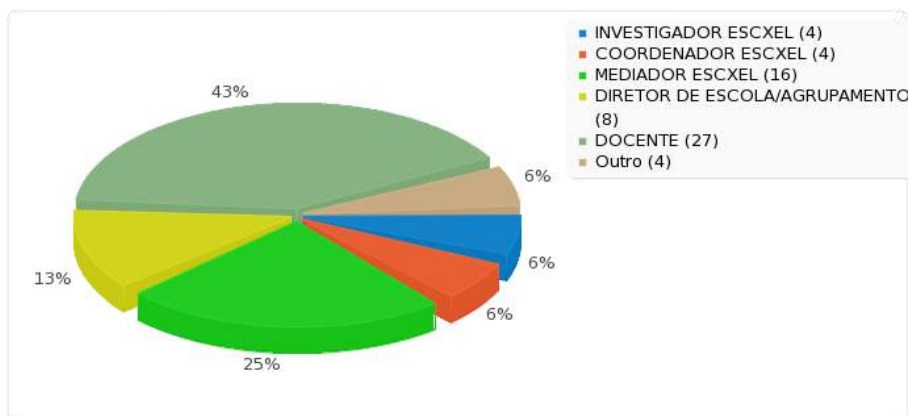


Figura 18

O gráfico da figura 19 mostra que a maioria dos participantes neste seminário já tinha participado em anteriores seminários da Rede ESCXEL.

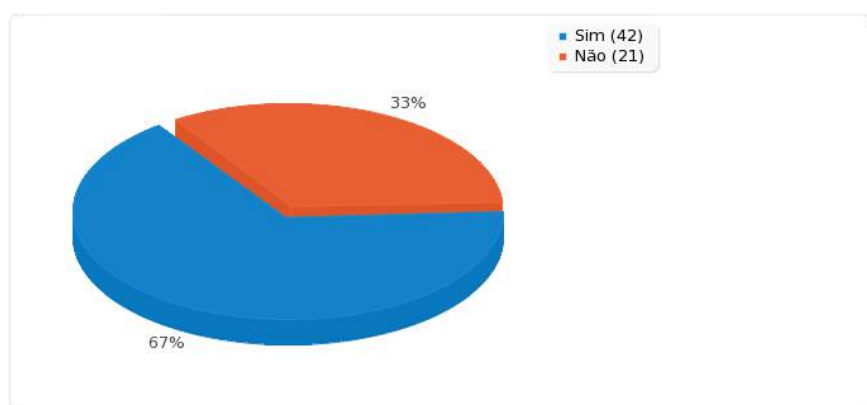


Figura 19

Os gráficos das figuras 20, 21 e 22 resumem a avaliação do programa, quanto à temática escolhida, os oradores selecionados e a organização do tempo.

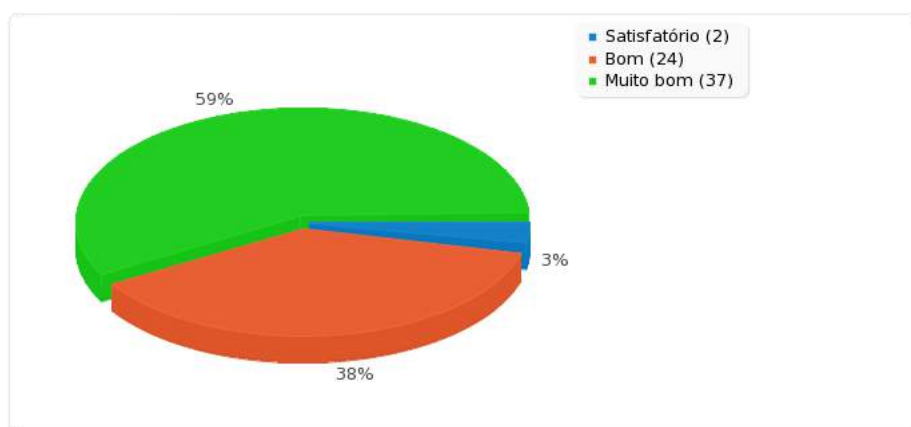


Figura 20

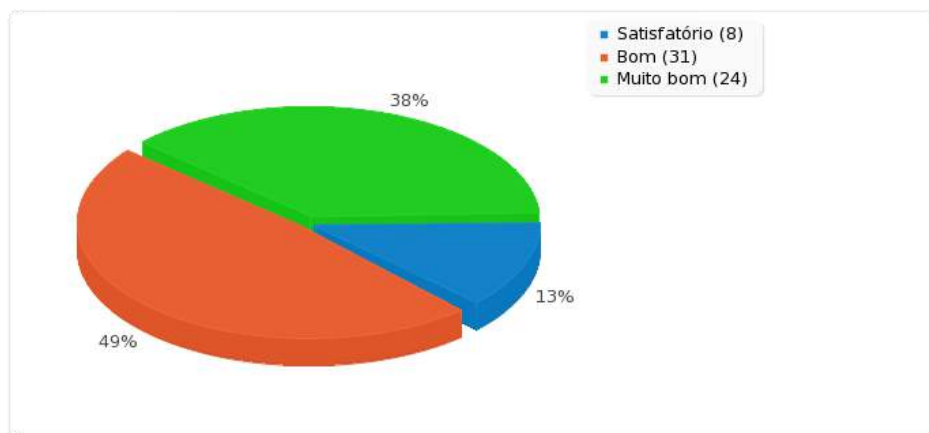


Figura 21

A avaliação foi bastante boa no que concerniu à temática escolhida e à seleção dos oradores.

Já no que respeitou à organização do tempo essa avaliação não foi tão boa.

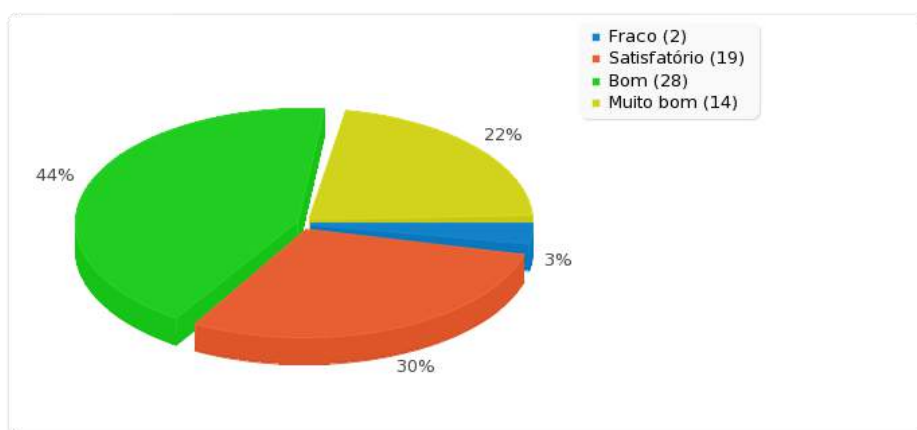


Figura 22

Efetivamente a maior crítica que foi feita incidiu na gestão do tempo, que não foi rigorosa, sendo este um aspeto a melhorar no próximo seminário a organizar, enquanto coordenador concelhio. O não cumprimento do horário estipulado para a receção, por parte de bastantes participantes, e o tempo dedicado ao almoço, considerado excessivo por muitos, condicionou os horários previamente estabelecidos, apesar de ser ao almoço que o convívio entre a generalidade dos participantes se processa e esse também ser um aspeto importante.

Os gráficos das figuras 23 a 27 ilustram a avaliação relativamente à organização do seminário.

Os gráficos das figuras 23 e 24 respeitam à receção aos participantes e espaços utilizados.

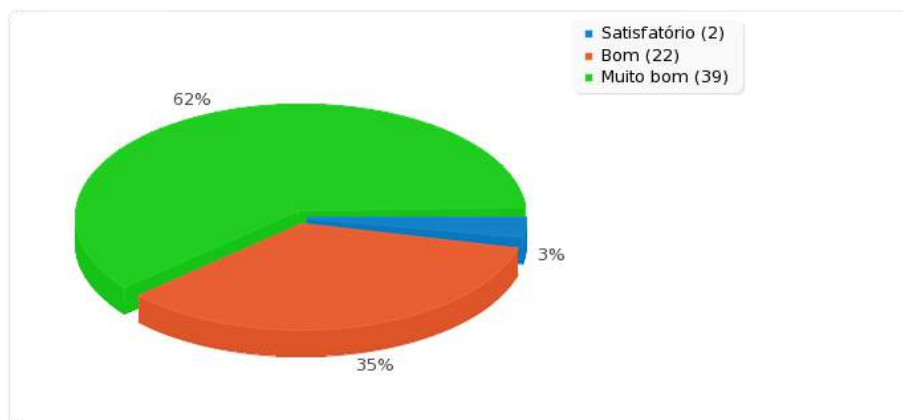


Figura 23

A maioria dos participantes considerou a receção como muito boa. Os espaços utilizados mereceram igualmente uma avaliação muito boa.

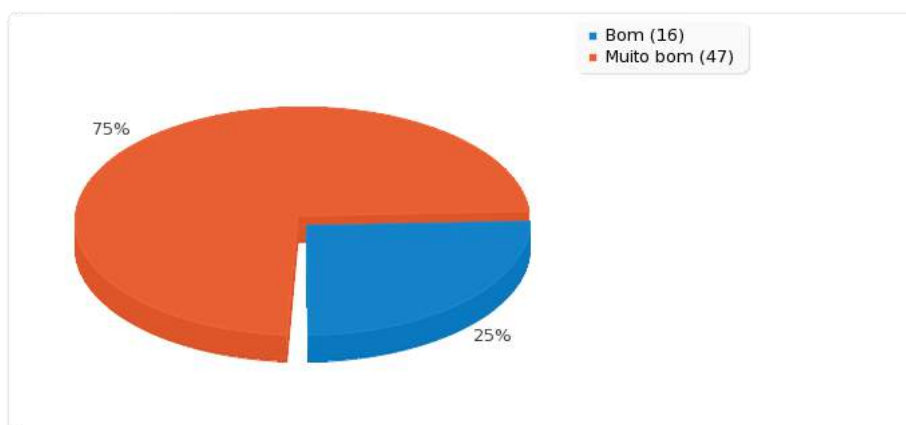


Figura 24

Os gráficos das figuras 25, 26 e 27 respeitam à duração dos trabalhos, tempo disponibilizado para debate e relevância das questões colocadas.

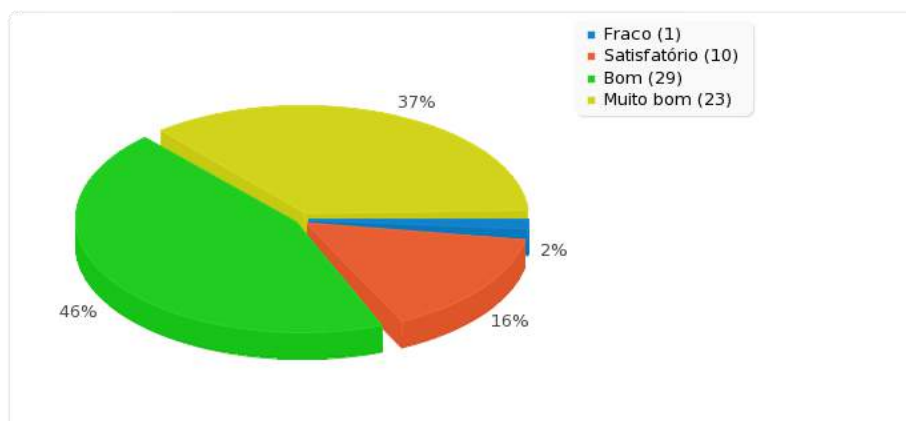


Figura 25

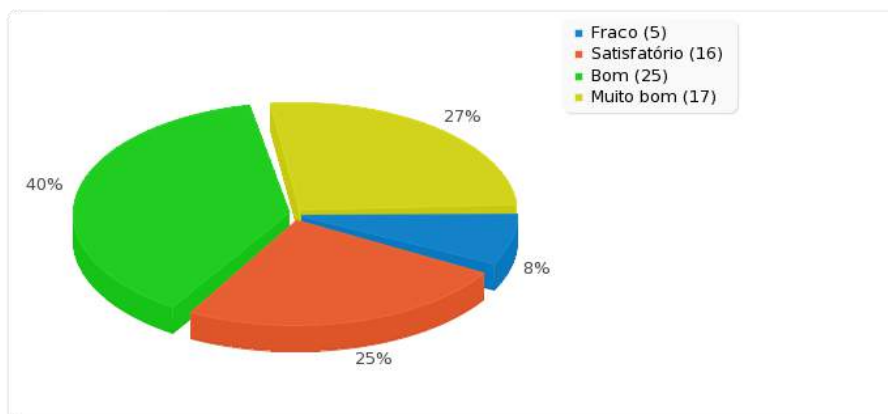


Figura 26

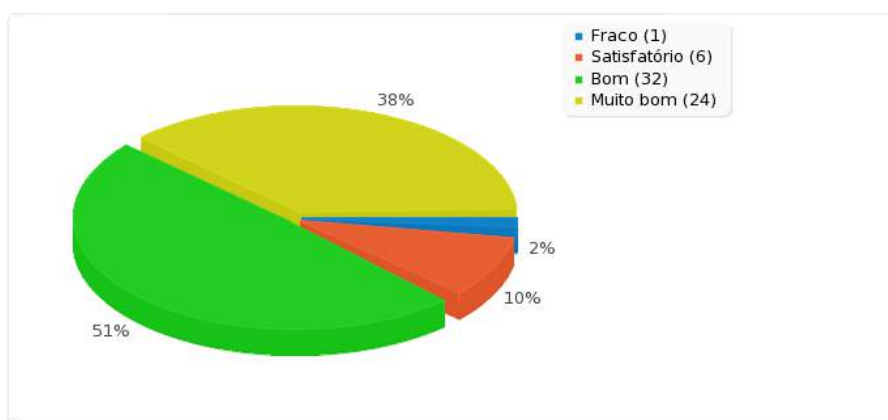


Figura 27

Da análise destes três gráficos pode considerar-se que a avaliação é positiva. No seguimento do que atrás foi referido, teria sido importante, e profícuo, maior tempo destinado ao debate de ideias.

O gráfico da figura 28 traduz a avaliação do programa social, *coffee break*, almoço, sendo esta muito positiva.

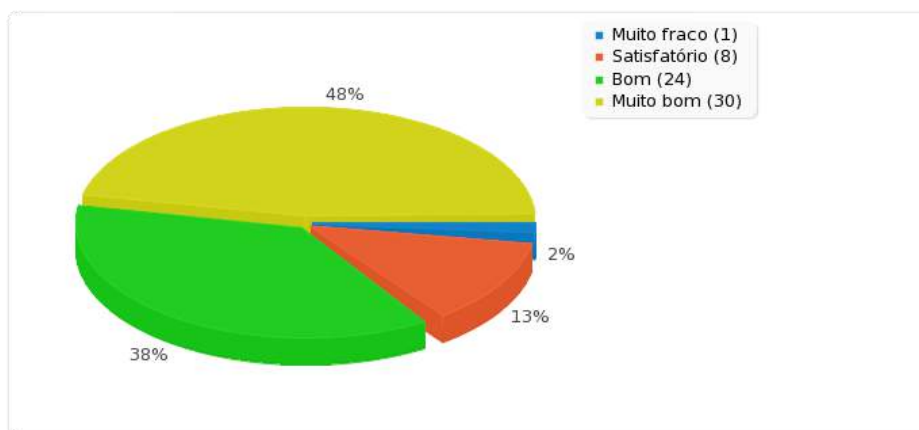


Figura 28

O gráfico da figura 29 apresenta a avaliação global do seminário. Esta pode ser considerada como bastante positiva.

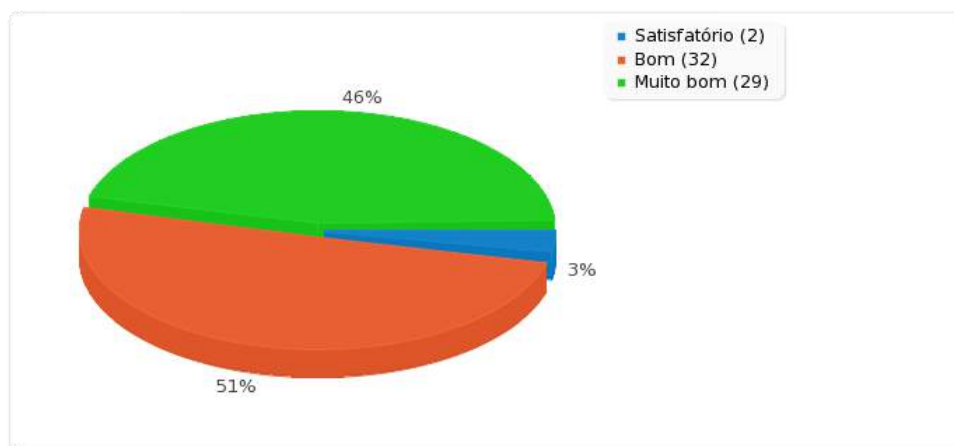


Figura 29

Como corolário desta avaliação, 56% dos respondentes apresentaram questões que gostariam de ver abordadas noutros seminários, destacando-se:

- Continuar com articulação entre ciclos; Tornar último ano JI num verdadeiro pré-1.º ciclo; Discussão resultados escolares 1.º ciclo; Homogeneidade na avaliação interna 1.º ciclo, pelo menos por agrupamento; Discussão sobre a adequação dos programas em vigor aos anos de escolaridade; Retenções 1.º ano; Turmas de nível; Término parcial (Português e Matemática) da monodocência no 1.º ciclo; Métodos de ensino na aprendizagem da leitura e escrita. A articulação entre ciclos e a importância das TIC na aprendizagem.

- Regresso aos Projetos Educativos das unidades escolares como *follow-up* da ação de formação do ano letivo anterior.

- Partilha de boas práticas já implementadas. Sabemos que não há receitas para o sucesso. Cada escola tem as suas características e realidades mas no terreno as experiências são diferentes da teoria. Apresentação da articulação efetiva, entre ciclos, com resultados comprovados.

- A avaliação contínua. Subsistem visões diferentes sobre o que é e como deve ser operacionalizada. Esta temática deveria ser abordada para que, pelo menos em toda a Rede, os procedimentos a ter em conta fossem aferidos. Avaliação e lideranças intermédias.

- Combate à indisciplina, aumentar da motivação e envolvimento dos encarregados de educação.

- Pedagogia diferenciada na sala de aula - recursos, metodologias e estratégias.

- Autonomia das Escolas (até onde e como).

- A Matemática no 1.º ciclo: metas e atividades. Literacia em Matemática.

- Estabelecimento de redes e parcerias com outras entidades para melhor a educação.

- Modelos de escola para o século XXI. Mudanças nos funcionamentos tradicionais da escola. Adaptação da escola às formas de aprendizagem da sociedade do conhecimento.

- Revisitar a temática deste seminário para aprofundar as questões colocadas e ouvir mais os oradores convidados.

- Práticas e resultados das modalidades de apoio pedagógico.

- O impacto das políticas educativas na organização do ensino e nas práticas dos Agrupamentos.

Foram, igualmente, por 38% dos respondentes, apresentadas sugestões de melhoria, a saber:

- Que os participantes dos seminários chegassem à hora marcada para a receção de forma a evitar a "derrapagem" nos tempos previstos. Talvez antecipar a receção aos participantes para as 8h30 para potenciar a sessão de abertura para as 9h00. Assim potenciava-se igualmente um maior tempo de debate de ideias após as conferências plenárias. O cumprimento dos horários e uma gestão de tempo mais rigorosa. Menos tempo para almoço e mais trabalho de seminário.

- Embora seja difícil de prever, dever-se-iam convidar oradores mais práticos e não tão teóricos. As fundamentações teóricas são igualmente importantes, mas acho que nas escolas espera-se mais o "Como fazer?" do que "O que fazer?". Os oradores devem ter uma noção concreta e real da educação, não devem ser simplesmente teóricos. O contato com a prática é fundamental. As políticas educativas não devem criar mais problemas educativos mas sim auxiliar na sua resolução. Seria igualmente importante uma maior divulgação nos departamentos a fim de motivar mais os docentes para o que se passa no seu agrupamento. Embora muito importantes, os *emails* são também de alguma forma impessoais.

- Mais tempo para cada orador, de modo a se poder aprofundar um pouco mais o tema abordado.

- Mais partilha de experiências.

- As temáticas dos *workshops* são de suprema importância, é preciso ter mais atenção para não verem o tempo atribuído a estas atividades diminuído.

- Para evitar que a transmissão dos assuntos debatidos durante os *workshops* seja demasiado incompleta (o que, por vezes acontece e deixa os participantes desiludidos), o relator deveria ser auxiliado por outra pessoa no registo de notas. A tarefa do relator não é fácil, principalmente quando há muitas intervenções, e esse apoio permitiria uma comunicação mais rica em plenário.

ANEXOS

Seguem em anexo a este relatório os seguintes documentos e/ou hiperligações para documentos relevantes em termos das apresentações que foram feitas.

- Apresentação do Prof. Doutor Rui Santos (investigador do CESNOVA), **Indicadores Socioeconómicos e Resultados Escolares**, apresentação que não deve sair fora da Rede.

Dado que não foi facultada a apresentação do Professor Doutor José Moraes, os três documentos a seguir citados acabam por ir ao encontro do teor dessa apresentação focando todos os aspetos essenciais da mesma.

- Scliar-Cabral, Leonor; **O Sistema Scliar de Alfabetização-Fundamentos**; Florianópolis, 2012; Editora Lili, http://www.saobruno.pt/pdf/escxel/Batalha%20Outubro_2013/SISTEMA-SCLIAR-DE-ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-FUNDAMENTOS-2012.pdf

Trata-se de um documento que visa ajudar a prevenir o analfabetismo funcional, de acordo com as descobertas avançadas das neurociências, apontando o começo desta batalha para o início da aprendizagem da leitura e da escrita.

- Scliar-Cabral, Leonor; **Aprendizagem neuronal na alfabetização para as práticas sociais da leitura e escrita**; *Revista Intercâmbio*, volume XX: 113-124, 2009; São Paulo: LAEL/PUC-SP; ISSN 1806-275x, http://www4.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/XX/7%20Leonor_Cabral_.pdf

Trata-se de um documento que aborda a relação entre as descobertas das neurociências e as dificuldades iniciais com que as crianças se defrontam na aprendizagem dos traços das letras, ao nível do processamento da leitura.

- Scliar-Cabral, Leonor; **A desmistificação do método global**, Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil, <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12142/8875>

Artigo em que a Professora Emérita Doutora Leonor Scliar-Cabral se propõe desmistificar o método global, com base nas mais recentes descobertas das neurociências.

Dado que não foi facultada a apresentação da Professora Doutora Luísa Araújo, o documento a seguir apresentado vai ao encontro do teor dessa apresentação.

- Resenha dos resultados apresentados no relatório internacional PIRLS 2011 para o desempenho em leitura, **Relatório PIRLS 2011**.

Seguem-se as apresentações relativas às sessões temáticas A e C.

- Apresentação da Dr.ª Margarida Jordão (docente do 1º ciclo, do Agrupamento de Escolas da Batalha), **Práticas Pedagógicas, Aprendizagens e Metas no Ensino Básico – Metas Curriculares de Português**.
 - Vídeo de apresentação do **Projeto Aprender e Inovar com TIC**, dinamizado no Agrupamento de Escolas da Batalha.
 - Apresentação da Dr.ª Miguêla Fernandes (docente do 3º ciclo e Secundário, do Agrupamento de Escolas da Batalha), da Dr.ª Antónia Carreira e da Dr.ª Fernanda Alvega (docentes do 1º ciclo, do Agrupamento de Escolas da Batalha), **Novas e Velhas Tecnologias na Qualificação das Aprendizagens (Aprender e Inovar com TIC)**. Esta apresentação encontra-se igualmente disponibilizada em <http://www.slideshare.net/ariendam/projetos-27582343>
 - Apresentação do Dr. Carlos Matos (docente do 3º ciclo, do Agrupamento de Escolas Faria de Vasconcelos – Castelo Branco), **As Cozinheiras**. Esta apresentação encontra-se igualmente disponibilizada em <https://vimeo.com/78130797>
-



X Seminário ESCXEL

ESCREVER TÍTULO DO SEMINÁRIO

Mês Ano





ÍNDICE

3 | INTRODUÇÃO

4 | RESUMO E CONCLUSÕES

5 | AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

6 | ANEXOS

INTRODUÇÃO

- Resumo do trabalho/decisões efetuadas na habitual reunião de trabalho de quinta-feira
 - Apresentação do seminário: título, dias, explicação do formato.
 - Apresentação dos oradores do Seminário.
 - Apresentação da estrutura do relatório, por capítulos.
-

RESUMO E CONCLUSÕES

- Exposição das principais ideias apresentadas no seminário, por mesa ou por orador de acordo com o formato de seminário utilizado (pelo que é necessário identificar relatores, em cada seminário, para esta tarefa).
 - Resumo das questões e temáticas debatidas nos períodos de discussão.
-

AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO

- Apresentação dos gráficos com os resultados das respostas aos questionários de satisfação que são normalmente preenchidos no seminário.
 - Dividir as questões nos seguintes blocos:
 - identificação do inquirido: papel dentro da rede, sexo;
 - participação em seminários anteriores da Rede ESCXEL (sim ou não)
 - Avaliação do programa: temática, oradores, organização do tempo
 - Avaliação da organização: espaços utilizados, duração dos trabalhos, receção aos participantes, tempo disponibilizado para debate, relevância das questões colocadas
 - Avaliação do programa social: coffee breaks, almoço, outros
-

ANEXOS

- Anexar a este documento as intervenções (em word ou em power point) dos intervenientes no seminário (sejam professores/colaboradores da Rede, sejam convidados externos).